



# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Professor**

1º ciclo do 2º bimestre da 3ª série

Eixo bimestral: **POESIA, CRÔNICA E ROMANCE NO PÓS-MODERNISMO/ ARTIGO DE OPINIÃO, EDITORIAL E ENSAIO**

## **Gerência de Produção**

Luiz Barboza

## **Coordenação Acadêmica**

Gerson Rodrigues

## **Coordenação de Equipe**

Bárbara Fadul

## **Conteudistas**

Marli Pereira

**Edição On-Line Revista e Atualizada**

**Rio de Janeiro**

**2014**



## TEXTO GERADOR 1

A produção literária das décadas de 40 e 50 não chegou a constituir um movimento uniforme e bem delimitado. No entanto, apesar dessa ausência de um projeto coeso, duas características se ressaltam nessa literatura, também chamada pós-moderna: o gosto pela investigação do mundo e da alma humana e a reflexão a respeito da linguagem.

O texto a seguir é um fragmento de *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa. A obra, com mais de 600 páginas sem divisão em capítulos, funde o experimentalismo linguístico da primeira fase modernista à temática regionalista da segunda fase do movimento. No romance, o ex-jagunço Riobaldo narra sua vida a um homem da cidade (que não se manifesta diretamente), rememorando suas aventuras dos tempos de cangaço, expondo dúvidas existenciais e buscando um sentido para o que viveu. Por amor a um companheiro de armas, Reinaldo, apelidado de Diadorim, Riobaldo se tornou jagunço e pactário do demônio, empenhando-se na vingança do grande chefe Joca Ramiro (pai de Diadorim), morto à traição por Hermógenes e seu bando. *Grande sertão: veredas* é uma das mais importantes obras da literatura brasileira.

### **Grande sertão: veredas**

O senhor tolere, isto é o sertão. [...] Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas, hoje, na beira dele, tudo há – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte.

Do demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalcam no nome dele – dizem só: o *Que-Diga*. Vote! Não... Quem muito se evita, se convive. [...]

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é o ditado: “menino — trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... *O diabo na rua, no meio do redemunho...*

[...] o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação. Vender sua própria alma... Invencionice falsa! E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do de dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta! Decisão de vender alma é afoitez vadia, fantasiado de momento, não tem a obediência legal. [...] Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira. Não é vendível. O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres.

Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...

(ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 23-41.)

## ATIVIDADES DE LEITURA

### QUESTÃO 1

Por meio de sua personagem Riobaldo, Guimarães Rosa fala do sertão mineiro, território de jagunços, coronéis, de gado. “O sertão é o mundo” que pode ser registrado, manipulado e transformado: é um mundo mítico, ativo e interativo. Assim, conhecer o sertão é também conhecer o próprio ser humano que ali vive. Ao descrever o sertão para seu ouvinte, o narrador Riobaldo revela que concebe o lugar como...

- (A) seco, habitado e justo.
- (B) amplo, isolado e injusto.
- (C) abastado, inóspito e anárquico.
- (D) desértico, despovoado e justo.
- (E) frondoso, desabitado e anárquico.

**Habilidade trabalhada:** Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos.

#### **Resposta comentada:**

No primeiro parágrafo, podemos depreender as características que qualificam o sertão rosiano. O sertão é um lugar **amplo, vasto** “onde os pastos carecem de fechos” (os pastos são tão grandes que não têm cerca); é ainda um **lugar isolado** “onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (há poucas residências, poucos moradores) e um lugar **sem lei, injusto** “e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade” (o criminoso vive em paz, porque não há a presença de autoridade que possa aplicar-lhe a lei). Assim, a alternativa que melhor qualifica o sertão

é a letra (b). A alternativa (a) não é adequada, porque apresenta adjetivos opostos “habitado e justo” ao que está colocado no texto. Também a letra (d) é invalidada por apresentar os adjetivos “justo” e “despovoadado”, embora o lugar seja pouco habitado, não se pode afirmar que seja “despovoadado”, sem pessoas. A letra (c) não está correta por causa do adjetivo “abastado”, que está ligado a uma noção de fartura não mencionada no texto e “inóspito”, que significa lugar inabitável, que não oferece condições de vida favoráveis. O texto mostra que o local apresenta elementos favoráveis à habitação, tem água em abundância, porque o rio Gerais “corre em volta. Esses gerais são sem tamanho.”, há fazendas, muitas madeiras etc. Por fim, a letra (e) é invalidada devido ao adjetivo “desabitado”, como se pode constatar, o lugar é pouco habitado e não desabitado.

## QUESTÃO 2

A imensa capacidade de criação linguística constitui a face mais aparente de toda a obra de Guimarães Rosa. Um dos recursos bastante utilizado por Rosa é o neologismo, ou seja, a arte de inventar palavras. No 2º parágrafo, foi criado o termo *desfalam* para apresentar a forma como os moradores se referiam ao demônio.

- a) O que esse neologismo revela sobre o sentimento dos moradores diante do ser diabólico?
- b) O narrador demonstra certeza ou incerteza diante da existência do diabo? Justifique com fragmentos do parágrafo.

**Habilidades trabalhadas:** Reconhecer os neologismos como recurso expressivo presente nos textos propostos e Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos.

**Resposta comentada:**

Em (a), espera-se que o aluno note que o prefixo – **des** significa negação, ação contrária e, portanto, a palavra “desfalam” equivaleria a “não falam”. No trecho, em questão, o narrador afirma que os moradores “não falam” o nome do diabo, por medo, por receio. No entanto, Riobaldo parece duvidar desse receio (“falso receio”) e atribui essa atitude dos moradores ao fato de eles próprios representarem a figura demoníaca “Quem muito se evita, se convive.”.

Em (b), é interessante comentar, com os alunos, que uma das temáticas presentes na obra *Grande sertão: veredas* refere-se à tensão entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo. Em todo o relato de Riobaldo, a grande dúvida que o acompanha é “o diabo existe e não existe”. De certa forma, esse sentimento reflete a ideologia dominante no ocidente, influenciada pela religião cristã. A figura do diabo, criada pela igreja no fim da Idade Média, é uma tentativa de controlar as ações humanas e de fazer com que o homem continuasse a obedecer às leis da igreja. Riobaldo reflete essa dualidade. Ao mesmo tempo em que afirma não existir o diabo (como atestam os seguintes trechos: “Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi.”), parece demonstrar que acredita na sua existência (“o diabo vige dentro do homem”, “Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é o ditado: “menino — trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... *O diabo na rua, no meio do redemunho...*”). Além disso, apesar de negar a existência do diabo em alguns momentos, Riobaldo demonstra alívio diante da concordância de seu ouvinte acerca dessa inexistência (“Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço.”), o que pode sugerir um sentimento de incerteza. O narrador procura nos ambientes de fé, na religião que faz parte de sua realidade sertaneja, por elementos de organização e de significação da vida e da existência.

## ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 3

O texto de Guimarães Rosa mostra uma forma peculiar de escrita, ao recriar a fala regional no vocabulário, na sintaxe e na melodia da frase. Um exemplo de palavra ou expressão regional pode ser encontrado em:

- (A) “Esses gerais são sem tamanho”
- (B) “Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador;”.
- (C) “Mas, hoje, na beira dele, tudo há.”.
- (D) “o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens.”.
- (E) “Se tem alma, e tem, ela é de Deus estabelecida, nem que a pessoa queira ou não queira.”.

**Habilidade trabalhada:** Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos.

#### **Resposta comentada:**

Guimarães Rosa, além de subverter o léxico, com a criação de palavras, como “opiniões”, “afoitez”, procura expressar a fala do sertão mineiro, ou seja, usa termos próprios de uma determinada região, a chamada variação lexical. Não se pode apontar um termo característico de uma região nas alternativas (a), (c), (d) e (e). No entanto, na alternativa (b), observa-se a ocorrência de uma expressão mais regional, a locução verbal “pode torar” cujo significado, depreendido a partir do contexto, é “pode percorrer”. Essa acepção do verbo “torar” é mais usual nas áreas rurais, como é o caso do sertão, não

sendo muito típica dos grandes centros urbanos e de sua periferia, portanto, a alternativa (b) é a mais adequada para responder à questão proposta.

## ATIVIDADE DE LEITURA E USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 4

O ouvinte com quem Riobaldo dialoga não se manifesta diretamente na história. Contudo, apesar de não ter nenhuma fala, é possível caracterizá-lo por intermédio dos comentários feitos pelo narrador.

- a) Que características do interlocutor de Riobaldo são possíveis recuperar? Destaque os fragmentos nos textos.
- b) No último parágrafo, que opinião de Riobaldo sobre os moradores do sertão é possível recuperar? Comprove com trechos do parágrafo.

**Habilidades trabalhadas:** Analisar os recursos expressivos usados pelos autores para veiculação de ideologias/estereótipos e Reconhecer marcas linguísticas que remetem a informações implícitas, pressupostos e subentendidos.

### Resposta comentada:

Em (a), espera-se que os alunos percebam que, por meio do emprego de adjetivos atribuídos ao interlocutor, pode-se recuperar a figura de um interlocutor idôneo, instruído, cuja opinião deve ser sempre levada em consideração. Passagens como estas podem comprovar tal afirmativa:



“O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido.”, “Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia.”

“Mas gosto de toda boa confirmação.”, “O senhor não acha? Me declare, franco, peço. Ah, lhe agradeço. Se vê que o senhor sabe muito, em ideia firme, além de ter carta de doutor. Lhe agradeço, por tanto. Sua companhia me dá altos prazeres. Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda.”.

Em (b), ao contrário do que se pode perceber acerca do interlocutor, para Riobaldo, o povo sertanejo transparece o traço do desconhecimento, da ignorância, ainda que representem pessoas obstinadas. Para comprovar essa concepção, os alunos podem selecionar trechos como “Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão.”; “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”.

## TEXTO GERADOR 2

O trecho abaixo também faz parte do romance pós-modernista em estudo neste Roteiro, *Grande sertão: veredas*. Nele, o protagonista Riobaldo narra o amor reprimido que manteve por Reinaldo/Diadorim, seu companheiro jagunço. Na realidade, Diadorim era Maria Diadorina – filha única do fazendeiro Joca Ramiro –, que se travestiu de homem para viver em meio aos jagunços e vingar a morte do pai. Sem saber disso, no entanto, Riobaldo revela toda a angústia e a contradição presentes no sentimento que desenvolve por seu jagunço e braço direito.

### **Grande sertão: veredas**

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos voos e pousoação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava: “É formoso próprio...” – ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P’ra e p’ra, os bandos de patos se cruzavam. – “Vigia como são esses...” Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. – “É aquele lá: lindo!” Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinho – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses com um todo carinho...” – o Reinaldo disse. Era. Mas o dito, assim, botava surpresa. E a macieza da voz, o bem-querer sem propósito, o caprichado ser – e tudo num homem-d’armas, brabo bem jagunço – eu não entendia! Dum outro, que eu ouvisse, eu pensava: frouxo, está aqui um que empulha e não culha. Mas, do Reinaldo, não. O que houve, foi um contente meu maior, de escutar aquelas palavras. Achando que eu podia gostar mais dele. Sempre me lembro. De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-croa. [...]

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhicereina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios descontraídos. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durante todo o tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço! Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não o entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espaiava, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos.

(ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pp. 159-163.)

## ATIVIDADE DE LEITURA E USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 5

O trecho acima faz parte do episódio da Guararavacã, lugar em que Riobaldo toma consciência da natureza de seus sentimentos em relação a Diadorim. Percebe-se que a narrativa explode em imagens poéticas, repletas de doçura e ligadas à natureza, adormecidas até então, como haviam permanecido as emoções do ex-jagunço. A linguagem acompanha esse movimento, capta-se a magia da simplicidade sertaneja, como por exemplo, no uso do sufixo de diminutivo com valor expressivo.

Observe a frase abaixo para responder às questões:

*“Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de **biquinquim** – galinholagem deles”.*

No trecho acima, temos a palavra *macho*, acrescida do sufixo de diminutivo – (z)inho, e o neologismo *biquinquim*, que apresenta uma forma mais popular de diminutivo terminada em –im, própria da oralidade. Considerando o contexto em que as palavras *machozinho* e *biquinquim*, respectivamente, se inserem, identifique a alternativa que apresenta, de forma mais adequada, os valores semânticos expressos pela forma diminutiva.

- (A) ironia e onomatopeia.
- (B) agressividade e redução de tamanho.
- (C) afetividade e reciprocidade.
- (D) redução de tamanho e repetição.
- (E) afetividade e redução de tamanho.

**Habilidades trabalhadas:** Reconhecer os neologismos como recurso expressivo presente nos textos propostos e Reconhecer marcas linguísticas que remetem a informações implícitas, pressupostos e subentendidos.

**Resposta comentada:**

O sufixo de diminutivo, como categoria gramatical, expressa grau, indicando tamanho pequeno e se aplica a substantivos e adjetivos. No entanto, na língua falada, muitas vezes, o diminutivo é usado como recurso expressivo, voltado para o campo mais emotivo como: afetividade, ironia, pejoratividade, entre outros. Esse uso expressivo se aplica às palavras *machozinho* e *biquinquim*. No primeiro caso, o diminutivo expressa “afetividade”, uma vez que Riobaldo está embevecido pela descoberta do amor por Reinaldo/Diadorim e descobre, na natureza, que o casal é formado por macho e fêmea, o que contraria a situação dele e expressa o seu desejo de poder formar um casal com Diadorim. Assim, o valor do diminutivo é muito mais afetivo do que grau de tamanho. No caso do neologismo *biquinquim*, observa-se que a palavra é formada a partir do radical “biq”, de bico de pássaro, acrescida da repetição da forma popular de diminutivo – im, indicando “biquinho com biquinho”, ou seja, um ato recíproco, os passarinhos estariam se beijando, portanto a alternativa correta é a letra (c). A letra (a) é invalidada por apresentar duas palavras que não se aplicam ao contexto: Riobaldo estava enamorado, por isso não estaria sendo irônico diante da cena do casal de pássaros “apaixonados” e a palavra “biquinquim” não imita nenhum som da natureza, por esse motivo não pode ser considerada uma onomatopeia. A letra (b) se afasta completamente dos atributos expressos pelo uso do diminutivo no episódio em questão. A cena está repleta de imagens poéticas ricas e delicadas não comportando, portanto, um sentimento de agressividade. Fica descartada, também, a ideia de grau de tamanho aplicada ao neologismo, já que este não significa, pelo menos de forma direta, “bico pequeno”. A letra (d) também é descartada, porque, como vimos, o diminutivo empregado na palavra

“machozinho” não está se referindo diretamente ao tamanho do pássaro e, na palavra, “biquinquim”, o uso duplicado da forma de diminutivo não está indicando a mera repetição da palavra “bico”, mas, sim, um ato recíproco. E, finalmente, a letra (e) não é verdadeira apenas pelo segundo elemento “grau de tamanho” que, como já foi visto, não é o valor mais saliente para o sufixo diminutivo, usado na palavra “biquinquim”.

## ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 6

Observe o fragmento abaixo:

De todos, o pássaro mais bonito gentil que existe é **mesmo** o manuelzinho-da-croa. [...]

O termo em destaque permite recuperar uma informação. Assinale a alternativa que apresente, adequadamente, essa informação.

- (A) Riobaldo não entendia tanta bravura e, ao mesmo tempo, sensibilidade de Reinaldo.
- (B) Riobaldo discordava da admiração de Reinaldo por determinado pássaro.
- (C) Reinaldo considerava um determinado pássaro o mais belo de todos.
- (D) Reinaldo despertava sentimentos contraditórios em Riobaldo.
- (E) Riobaldo gostava cada vez mais de Reinaldo.

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer marcas linguísticas que remetem a informações implícitas, pressupostos e subentendidos.

**Resposta comentada:**

A palavra em destaque não só revela a concepção de Reinaldo sobre o “manuelzinho-da-croa” ser o mais belo dos pássaros como também possibilita recuperar que o narrador Riobaldo concorda com tal concepção, o que invalida a opção (b) e torna verdadeira a alternativa (c). As opções (a), (d) e (e) fazem menção ao sentimento que Riobaldo descobre manter por Reinaldo, o que está presente no texto, mas não no fragmento em destaque.

**QUESTÃO 7**

Riobaldo é um narrador-personagem que conta a própria vida. As dificuldades do viver e do narrar tornam o texto ambíguo e complexo, alternando o foco narrativo na apresentação das informações. Para isso, o narrador pode optar por transcrever, literalmente, a fala do personagem, configurando o chamado *discurso direto*, ou, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem, utilizando, assim, o *discurso indireto*. Retire um trecho em que foi utilizado o discurso direto. Em seguida, reescreva o fragmento, utilizando o discurso indireto.

**Habilidade trabalhada:** Distinguir os tipos de discurso (direto, indireto e indireto livre) presentes nos gêneros estudados.

**Resposta comentada:**

Esta atividade visa a chamar a atenção dos alunos para os diferentes tipos de discurso utilizados na narrativa e, ainda, para as motivações que levam à escolha de um em detrimento do outro. No texto, as falas de Reinaldo aparecem em discurso direto, pois se concede a ele (a) o direito de fala. Os alunos podem selecionar trechos como “É

*formoso próprio...” – ele me ensinou;–“Vigia como são esses...”; “É aquele lá: lindo!”;“É preciso olhar para esses com um todo carinho...” – o Reinaldo disse.”* É interessante orientar os alunos a perceberem que o discurso direto é marcado pela pontuação (aspas e/ou travessão). Ao reescreverem o fragmento selecionado utilizando o discurso indireto, os alunos podem chegar a sentenças como “O Reinaldo me ensinou que [os pássaros] eram formosos”; “Reinaldo disse que vigiasse como eles são...”; “Reinaldo falou que aquele pássaro era lindo”; Reinaldo disse que era preciso olhar para aqueles com todo carinho”. Nesta atividade, é importante fazer os alunos refletirem sobre a escolha do discurso direto para representar as falas de Reinaldo. Você pode questionar como a utilização do discurso indireto comprometeria a valorização que o narrador concede a Reinaldo. É interessante eles notarem as motivações que levam à seleção de cada tipo de discurso. Vale destacar, ainda, a presença do discurso indireto livre, por exemplo, em “*Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida.*”. No fragmento, há uma estrutura dialógica em que o intérprete interpela o texto, já que prevê uma postura de reflexão do suposto narrador.

### TEXTO GERADOR 3

A crônica a seguir parte do envolvimento do cantor de pagode Belo com traficantes e as fitas – que funcionaram como provas desse envolvimento – divulgadas pela polícia. O mote da crônica se baseia na linguagem empregada pelos traficantes em confronto com o padrão do português e, de certa forma, numa crítica aos veículos de comunicação diante da exposição desse tipo de notícia em horário nobre:

## O tênis na parede<sup>1</sup>

Nonada, mermão. Tá faltando um Guimarães Rosa, sei lá, um cara que entenda as palavras pelo avesso, que olhe na bolinha dos olhos dessa fulerage traficante e chape o coco dos livros. Dê arte à falta de sentido do que anda sendo dito, tá ligado? Vou repetir. Depois das balas perdidas, eis que nos atacam o tiroteio das palavras perdidas. Os bandidos não só estão soltos como soltaram o verbo, uma espécie de cão de guarda de seus maléficos propósitos. Não falam. Desfalam.

Ouçõ essas gravações clandestinas que a polícia fez do traficante Vado com o simpatizante Belo e, apesar do áudio zerinho, me matusquelo. Não se entende nonada. Tá todo mundo querendo malocar, esconder alguma coisa, e como a polícia já descobriu todos os esconderijos, estão escondendo o bagulho embaixo das palavras. Não quer dizer nada, e tudo quer dizer que o vagabundo tá guardando o sentimento embaixo da sola do pé, como diz o pessoal dos Racionais – e semântica embaixo da língua, como completo eu daqui. Olha na bolinha dos meus óculos e vê se tu vê algum otário?

[...]

“Quero tênis pra deixar estampado na parede”, umas das encomendas do pagodeiro Belo ao trafica Vado, quer dizer que ele precisa de um AR-15 para zoar brabo, sacou? Se minha pátria é minha língua, como diz o outro, tá lá o corpo estendido no chão. Mas sem moralismo vacilão, sem essa de dedo de seta, dedo nervoso. Não entrego ninguém. [...] “O bagulho tá brabo, neguinho, já sangrou”, disse um tal de Jota, traficante, numa dessas gravações da polícia, e isso evidentemente não faz nenhum sentido hoje – mas vai fazer. Fica frio. Fica na fé.

A língua é assim. Vai na frente, vai primeiro. Abre alas e depois mete bala. [...] As palavras vão sendo comidas pela preguiça moderna da fala – ninguém é mais 171, mas apenas 71, notou?, o que vem dar numa nova palavra. Morre-se de fome nas bocadas do Rio, mas desde Sardinha há muito português a se comer.

A promiscuidade carioca, de bandidos falando o malandrês com legenda, para melhor ser entendido no jornal das oito, está dando um banho de língua no papo da

---

<sup>1</sup> A crônica foi publicada parcialmente. Acesse, na íntegra, em <https://docs.google.com/presentation/d/1ykWe9vLkJoeZNYb93JgZD3-Uznvo99OhoYZo7aWgsT8/pub?start=false&loop=false&delayms=3000>.



cidade. [...] De tanto ouvir o DJ parece que esses jovens, do viés do bem ou da sianinha do mal, andam remixando o discurso, e como o chefe no toca-disco, misturam uma palavra com a outra às vezes apenas pela beleza do reencontro. Estão trezoiando a gramática, mas isso não mata. Lula, de Armani, e Serra, de João Valentão, confundem mais.

O tiroteio do palavrório ricocheteando doidaço, sem sentido de prima, até que é rico e divertido. O câmbio dos economistas pode ser frágil, a língua não. É dura. É dura e mole. É mole e dura. Adapta-se, camaleão, cachorra gostosa que é. Morou?

(SANTOS. Joaquim Ferreira dos. **O que as mulheres procuram na bolsa**: crônicas. Rio de Janeiro: Record, 2003.)

## ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 8

Como falantes do português, percebemos que há situações em que a língua se apresenta sob formas diversas daquela que nos habituamos a ouvir nos principais meios de comunicação. A crônica de Joaquim Ferreira dos Santos nos permite refletir sobre esse uso diversificado da linguagem. Pela leitura da crônica, analise as afirmações abaixo acerca do processo de criação do texto:

- I. O narrador constrói seu texto usando a variabilidade que ele mesmo critica, estabelecendo uma relação com o próprio objeto de discussão, a linguagem.
- II. Para exemplificar a “preguiça moderna da fala”, o narrador usa, no próprio fio do seu discurso, as expressões “tá ligado?” e “vacilão”.
- III. A afirmação do cronista de que não se entende nada do que é falado na “fita” não faz sentido, afinal a linguagem empregada apresenta uma variabilidade próxima daquela usada pelo narrador.

É correto APENAS o que se afirma em:

- (A) I
- (B) II
- (C) I e II
- (D) I e III
- (E) I, II e III

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer marcas linguísticas que remetem a informações implícitas, pressupostos e subentendidos.

**Resposta comentada:**

Pessoas que pertencem a uma mesma comunidade usam a linguagem para representar a realidade e nela interferir. Tal prática pressupõe conhecimento por parte dos usuários do valor simbólico dos seus signos. A variação da linguagem pode manifestar-se tanto pelo vocabulário utilizado como pela pronúncia, morfologia e sintaxe, definindo, às vezes, a identidade de um grupo por meio da gíria. No caso da crônica, o narrador emprega a variabilidade linguística como um traço de ironia pelo uso das palavras e construções que fogem ao nosso padrão linguístico, sendo assertiva a afirmação (I). Em outro nível de leitura, incoerente é a atitude do artista, que subliminarmente está sendo criticada; o cronista joga com as palavras e expressões para estabelecer uma ironia, deixando subtender a sua crítica em relação à linguagem utilizada na fita, o que torna também verdadeira a afirmação (III). Já em (II), neologismos criados por derivação regressiva (“tráfica” para traficante ou “de prima” para de primeira) talvez pudessem representar a “preguiça moderna da fala” a que o cronista se refere, no entanto, as expressões utilizadas como exemplo são uma tentativa de representar gírias presentes em

alguns segmentos da sociedade carioca (“tá ligado?”, “vacilão”) o que invalida essa afirmativa. Assim, a alternativa adequada é a letra (d).

## ATIVIDADE DE LEITURA

### QUESTÃO 9

O texto, embora escrito, apresenta traços de oralidade e gírias criadas por um determinado grupo social. Ao mesmo tempo em que contribui para definir essa identidade, a gíria funciona como um meio de exclusão dos indivíduos externos a esses grupos, pois costuma resultar em uma linguagem incompreensível. Esse fato leva o cronista a comentar a dificuldade de entendimento da linguagem empregada nas fitas. Com isso, ele recorre a escritores como Guimarães Rosa, em referências claras a “nonada” e “desfalam”, usando sua forma de escritura e/ou seu vocabulário peculiar. Esse tipo de estratégia foi utilizado com o seguinte objetivo:

- (A) criticar o emprego inadequado da linguagem usada na fita.
- (B) ironizar o nível do uso do português entre a classe artística.
- (C) evidenciar a importância da língua portuguesa para a comunicação de massa.
- (D) apontar a deficiência do ensino público ao tratar de questões acerca do idioma.
- (E) valorizar um autor que tinha como uma de suas marcas o esmero do trabalho com a palavra.

**Habilidade trabalhada:** Relacionar as características dos editoriais e crônicas jornalísticas às produções literárias contemporâneas.

**Resposta comentada:**

O emprego daquela modalidade linguística entre os interlocutores não seria inadequado, uma vez que fazem parte de um mesmo grupo social, logo a opção (a) não estaria correta. Em momento algum, faz-se alusão à classe artística na figura de Belo, logo (b) não está correta. A imagem de comunicação bem como a questão do ensino público não estão em jogo na crônica, o que faz incorretas as opções (c) e (d). A opção (e) está correta, porque se valoriza um integrante da Geração de 45, marcada por seu trabalho com a palavra, revalorizando a forma que fora alvo de crítica e subversão na primeira fase modernista.

**ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA**

**QUESTÃO 10**

No texto, observamos que o cronista tenta manipular um código. Para a construção de sentido de sua mensagem, ele mistura expressões utilizadas no universo marginal com traços de literariedade. O jogo literário no texto se faz presente, também, com a presença constante da ironia. O emprego de tal recurso pode ser verificado em:

- (A) “Tá faltando um Guimarães Rosa, sei lá, um cara que entenda as palavras pelo avesso”.
- (B) “É preciso corujar a cachanga, garante Paulo Lins, no Cidade de Deus”.
- (C) “Os costumes andam corroídos, como diz o doutor juiz”.
- (D) “mas desde Sardinha há muito português a se comer.”
- (E) “O tiroteio do palavrório ricocheteando doidaço, sem sentido de prima, até que é rico e divertido”.

**Habilidade trabalhada:** Identificar as figuras de linguagem (como metáfora e ironia) que produzem diferentes efeitos estilísticos.

**Resposta comentada:**

A ironia consiste basicamente de, aproveitando-se do contexto, utilizar palavras que devem ser compreendidas no sentido oposto do que aparentam transmitir. Nas alternativas apresentadas, a opção (a) revela uma crítica ao uso da linguagem, no qual só uma pessoa como o escritor Guimarães Rosa poderia entender um código tão confuso. Outra crítica é notada na opção (c) em relação aos costumes. Nas alternativas (b) e (e) a própria linguagem é posta em notoriedade, porém sem fazer referência ao jogo literário, fator que se mostra evidente na opção (d), correta ao fazer a alusão ao Bispo Sardinha, português, que foi canibalizado por índios em terras brasileiras. Por meio da metáfora do nome próprio da personalidade, o cronista ironiza o uso da língua, que é o português, com termos que, como o bispo, também estão sendo “devorados”.

## ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

### QUESTÃO 11

Mesmo que o Brasil tenha mudado substancialmente nas últimas décadas, o país ainda apresenta grandes desigualdades sociais. Muitos brasileiros vivem na pobreza, com baixos níveis de escolaridade, sem acesso à educação, ao trabalho, à renda, à moradia, à saúde, ao transporte e à informação.

Leia, com atenção, os textos a seguir:

A Constituição Federal é a lei maior da República Federativa do Brasil. Veja alguns trechos abaixo:

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição. [...]

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;

II - garantir o desenvolvimento nacional;

III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

[...]

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Apesar do que propõe a Constituição, a pobreza e as desigualdades sociais continuam presentes em nossa sociedade. O texto abaixo é parte da letra do cantor de rap Criolo e fala da desigualdade com a qual convivemos nos dias atuais.

*Subirosdoistiozin*

(Tem uns menino bom novo hoje aí na rua, pra lá e pra cá, que corre pelo certo.. Mas já tem uns também que eu vou te falar, viu.. só por Deus, viu! Ave Maria!)

Só função no doze, na garagem um Golf, bonitão na praia de Hornet, fi Tudo isso tem, e o apetite vai, pra bater de front, e Babyloncair As criança daqui, tão de HK, leva no sarau, salva essa alma aí Os perreco vem, os perreco vão, as vadia quer, mas nunca vão subir Cença aqui patrão, eu cresci no mundão, onde o filho chora e a mãe não vê E covarde são, quem tem tudo de bom, e fornece o mal, pra favela morrer

Uns acham que são, mas nunca vão ser  
Feio é arrastar e nem perceber

*Subirosdoistiozin* sugere a responsabilidade de um segmento social mais privilegiado sobre as mazelas da classe mais pobre.

Refletindo sobre os textos apresentados, produza um artigo de opinião sobre o tema abaixo:

**Desigualdades: quem são os responsáveis?**

Um artigo de opinião tem como propósito discutir um tema atual, geralmente, controverso, objetivando um posicionamento frente a ele, o que exige, por parte do articulista, uma tomada de posição e a fundamentação desse posicionamento com argumentos sólidos e consistentes. Veja algumas características desse gênero no quadro que segue na página seguinte:

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO	
QUAL É A SUA ESTRUTURA?	<p>A estrutura básica é:</p> <p>Situação - problema discussão solução/avaliação</p> <p>Assim, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação, refletindo a respeito do assunto. O autor justifica suas afirmações, tendo em vista posições, questões ou conclusões contrárias, possivelmente levantadas pelo leitor. Ele antevê suas posições para poder contestá-las.</p>
QUE TIPO DE LINGUAGEM É UTILIZADA?	<p>Geralmente, no texto, predomina a 3ª pessoa do singular, mas também pode ocorrer a 1ª pessoa do plural e, mais raramente, a 1ª pessoa do singular. O nível de linguagem deve estar de acordo com o perfil do público-alvo, no entanto, como é um texto publicado na mídia, deve-se observar as regras da norma culta da língua: pontuação, acentuação, concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal.</p>

**Importante:**

- Dê um título a seu artigo;
- no 1º parágrafo, introduza o assunto para seus leitores e mostre, com clareza, seu posicionamento diante desse assunto;
- faça dois ou três parágrafos para fundamentar seu ponto de vista. Você pode utilizar conhecimentos de outras disciplinas, fatos, vivências pessoais, exemplos etc. É importante que seus argumentos sejam consistentes;
- ao fim, conclua seu texto, reafirmando seu posicionamento inicial e, se possível, propondo uma forma viável de solucionar a situação apresentada;
- lembre-se: seu objetivo é convencer seus leitores a aceitarem seu ponto de vista. Seja convincente.



**Habilidade trabalhada:** Produzir artigos de opinião e ensaios críticos sobre questões de diversidade, diferença e desigualdade.

**Comentário:**

Para iniciar, seria interessante comentar que, assim como o editorial (estudado nas *Orientações Pedagógicas* deste ciclo), o artigo também é um gênero opinativo, de caráter argumentativo. No entanto, a diferença entre esses dois gêneros (editorial e artigo de opinião) é que o primeiro não tem autoria, pois representa o posicionamento de uma instituição acerca de tema atual, enquanto o segundo apresenta autoria identificada: a figura do articulista, geralmente, alguém especializado no tema abordado. É importante frisar, no entanto, que o posicionamento do articulista está de acordo com a postura do veículo que ele representa.

Seria interessante trabalhar com os alunos um exemplar do gênero. Uma boa sugestão pode ser o artigo “A miséria da superação”, do ex-ministro da Educação do governo Lula, Cristovam Buarque (disponível no link <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/1238667-cristovam-buarque-a-miseria-da-superacao.shtml>). O texto dialoga com o tema do editorial analisado nas *Orientações Pedagógicas* deste ciclo.

Outra sugestão igualmente interessante é apresentar a música *Subirosdoistiozin* (disponível no link <http://www.youtube.com/watch?v=89pDW3LeKlw>) para os alunos, já que eles costumam se interessar por esse recurso. Vale destacar, ainda, os neologismos presentes na letra, que tentam reproduzir a oralidade de determinado grupo social. Pode ser muito produtivo, também, propor um debate antes da produção do artigo. Essa proposta estimula a argumentação oral e pode servir de aparato para a produção escrita dos alunos.